

A S

P O T E N C I A

L I D A D E S

D

Com a determinação de, a cada número, iluminar diferentes porções do vasto conjunto de obras que constitui a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM-USP – um acervo bibliográfico rico num país ainda carente de livros, sobretudo livros de alta densidade –, a *Revista BBM* vem a público como o romper da aurora que anuncia um novo dia.

Um dos infinitos dias da Terra, com seus conteúdos, narrativas, promessas e mesmo desalentos. A vida é tecida com os fios da diversidade.

O projeto da biblioteca começou em janeiro de 2005, com o pensamento e a determinação de abrigar e integrar a Coleção Brasileira, obras recolhidas como inúmeras pepitas de ouro ao longo de mais de oitenta anos pelo bibliófilo José Mindlin e sua esposa, Guita. Uma escrita sobre o Brasil, sua história, gente, particularidades, singularidades e, sobretudo, potencial. Muito desse último recurso não devidamente reconhecido e utilizado. Daí a perspectiva de uma biblioteca, uma morada de livros, para estimular e fertilizar reflexões indispensáveis.

A *Revista BBM* apresenta-se como uma chave alegórica para abrir o espaço da biblioteca a uma diversidade de interesses e gentes. Em princípio, o conjunto da sociedade – ainda que essa seja uma referência metafórica, mas, nem por isso, menos verdadeira.

A revista, neste primeiro momento – embora isso seja parte de sua linha editorial –, expõe pesquisas feitas com base no rico acervo da biblioteca, que inclui obras raras, algumas raríssimas e, curiosa e deliciosamente, algumas de suas gralhas, pastéis e afins, termos específicos da editoração.

Um exemplo? Claro, aqui está em texto de Thiago Mio Salla presente neste número de estreia: uma das obras do insuspeito Machado de Assis na qual a primeira sílaba da palavra “cegara” foi estampada não com

B I

B

B

B

B

B

B

B

B

B

B

B

A

“e”, mas com “a”, o que, evidentemente, altera de forma radical o sentido da frase. Um acidente de percurso no engenho e na arte da editoração, mas que também diverte, alegra e, sobretudo, amplia a dimensão da potencialidade da palavra: a matéria-prima com que são feitos os livros.

A *Revista da BBM*, em sua especificidade, terá suas seções centradas na exploração de um universo que não pode ser medido – em termos da reflexão e conhecimento que abriga –, a não ser que se vença o silêncio enigmático das bibliotecas.

Seções que abarcam a raridade de determinadas obras, os pastéis, há pouco referidos, a bibliofilia e o estudo das formas imateriais de edição e mesmo correção e circulação de uma obra. O que significa dizer: uma promessa de felicidade – para tomar de empréstimo uma expressão de Stendhal – para quem ama os livros.

Nesta primeira edição, como apresentação do que virá com o fluxo do tempo, um dossiê sobre viajantes. Visitantes que, em sua maioria, chegaram por aqui com o estabelecimento da corte portuguesa, fugindo das invasões napoleônicas. Até então, o Brasil, enquanto espaço de visitação e pesquisa, tomado por olhos e mentes curiosas como um paraíso tropical, esteve vetado e inacessível.

As exceções à regra incluíram viajantes como Hans Staden (1525-1576), aventureiro alemão capturado por indígenas com quem conviveu e por pouco não foi, literalmente, devorado. Jean de Léry (1534-1611), com seu *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil*, peça de defesa na acusação feita por católicos de protestantes terem sido responsáveis pelo malogro de uma colônia, a França Antártica, na Baía da Guanabara. Além dos que vieram com Maurício de Nassau (1604-1679).

No século XIX, as facilidades de acesso permitidas pela presença da corte trazem levas de outros europeus. Charles Darwin (1809-1882) passa quatro meses por aqui, a caminho de Galápagos. Auguste de Saint-Hilaire, com sua escrita refinada construída com minúcias, viaja pelo país entre 1816 e 1822 para escrever *Voyage dans l'Intérieur du Brésil*. O alemão Friedrich Wilhelm Sieber, voltado a estudos geológicos e botânicos na bacia amazônica, e os naturalistas também alemães Georg Freyreiss (1789-1825) e Friedrich Sellow (1789-1831) acompanhando o príncipe Maximilian von Wied-Neuwied.

A missão austríaca chegou em 1817, estimulada pelo casamento de dona Leopoldina (1797-1826) com o príncipe D. Pedro (1798-1834) e trouxe, entre seus sábios, o zoólogo Johann Baptiste Von Spix (1781-1826) e o botânico Carl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868), com investigações de amplo espectro como era do feitio de naturalistas. São sucedidos por Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), na primeira vez na companhia do almirante russo Adam J. von Krusenstern, numa viagem

ao redor do planeta. Na segunda, acompanhado de uma constelação de nomes da ciência e artistas que incluem Hercule Florence (1804-1879) e o pintor Rugendas (1802-1858).

A Missão Artística Francesa chega ao Rio de Janeiro em 1816 e, ainda que seja distinta das anteriores por viajar sob contrato e se fixar por aqui, tem entre seus membros Debret (1768-1848), quem deixou registro fascinante da vida social nacional, incluindo o doloroso trabalho escravo. Sua *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, originalmente de 1834, com publicação no Brasil em 1840, é a maior evidência disso.

Nesta edição da *Revista BBM*, Ferdinand Denis (1789-1890), viajante, historiador e escritor francês, especialista em história do Brasil, é objeto de pesquisa da historiadora Ana Beatriz Demarchi Barel, da Universidade Estadual de Goiás. Já Frei Agostinho de Jesus (1600-1661), nascido no Rio de Janeiro, é tratado pelo arquiteto Rafael Schunk, e Carlos Alberto Dória se ocupa de relatos fantásticos dos inúmeros viajantes que passaram por aqui, entre eles Jean de Léry. O historiador Marcos Horácio Gomes Dias contextualiza a exploração das minas no século XVIII, passando por Minas Gerais e Goiás, o que mudaria profundamente a história de Portugal.

Na seção “Raros e Raríssimos”, Milena Ribeiro Martins aborda *Frida Meyer*, romance de Vivaldo Coaracy (1882-1967), para tratar da sociabilidade feminina na Porto Alegre dos anos 1920. Em “Memória”, Ana Luísa Martins expõe a experiência de investigações na biblioteca dos Mindlin, processo que identifica como “alegria da pesquisa”. E em “Publicações BBM”, a invenção das “brasilianas” no século XX, tratada por Thiago Lima Nicodemo, relata a contribuição de Rubens Borba de Moraes (1899-1986), bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo e historiador, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, para a construção da BBM.

A seção “Publicações BBM” aborda as *Oito Viagens ao Brasil* de Gustavo Piqueira e seus projetos editoriais inovadores que incluem Hans Staden no primeiro livro publicado sobre o Brasil, conforme resenha Marisa Midori Deaecto, além das *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português António Tavares de Carvalho*, em texto de Thiago Nicodemo.

A tarefa da revista não é pequena, já que ela pretende colocar uma lupa sobre relevantes trabalhos realizados no interior da BBM. Acreditamos que, ao reverberar a minuciosa pesquisa realizada pelos colaboradores desta edição – e das vindouras –, o periódico ampliará gradativamente o efetivo diálogo entre a investigação acadêmica e o trânsito de ideias, dentro e fora da universidade.●

*Plínio Martins Filho & Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron*